

Concorrência externa aumenta

A estimativa de um desempenho melhor nas vendas ao exterior esbarra no fato de que muitos concorrentes do País desvalorizaram sua moeda e tornaram seus produtos mais baratos. Mesmo assim, Flávio Nolasco, da MA Consultores, estima um déficit comercial de US\$ 6,5 bilhões no próximo ano, quase 30% menor que o deste ano.

O economista Roberto Padovani, da Trend, é menos otimista. "Os principais parceiros comerciais do Brasil devem crescer, em média, 2,7% no próximo ano", diz ele, observando que outros países enfrentarão ritmos menores de crescimento em 1998.

Os consultores fazem questão de deixar claro que as previsões para 1998 ainda são preliminares. Duas incógnitas impossibilitam cálculos mais precisos: situação externa e trajetória das taxas de juros. Embora não saibam o ritmo futuro de queda da taxa de juros, Padovani e Nolasco trabalham com a perspectiva de que no fim do próximo ano as taxas de juros estarão próximas do nível em que estavam até 29 de outubro: 1,58% ao mês.

Na média do ano, as taxas serão mesmo bastante altas. Já descontada a inflação, Padovani espera juro real de 14,9%, um pouco inferior aos 17,4% da média de 1997. Para Nolasco, as taxas serão maiores: juro real de 23,3% no ano, uma taxa superior à de 1997.

Para os dois economistas, o governo vai manter a atual política cambial, sem desvalorização brusca da moeda. O que deve estar nos planos da equipe, avaliam Padovani e Nolasco, é um porcentual um pouco maior nas desvalorizações mensais.

"O governo vêm fazendo correções de 0,6% ao mês e pode subir para 0,65%", observa Padovani. No ano, isso significa uma correção 8,1% acima da inflação. Nolasco projeta porcentual idêntico.

Nas duas projeções, a inflação de 1998 será menor que a de 1997, ficando entre 3,5% e 4,0%. Com queda de atividade, não há espaço para reajuste de preços, explica Nolasco, da MA Consultores. "Pelo contrário, pode ocorrer queda de preços na briga pelo mercado reduzido", pondera. (D.N.)